

## **Iconografia “da maior e mais nobre cidade do mundo”: observações sobre algumas imagens da Lisboa Quinhentista**

José Manuel Garcia<sup>1</sup>

### **Resumo**

Neste estudo abordamos aspetos relacionados com a iconografia de Lisboa do século XVI onde se focam questões relativas à genealogia e divulgação de gravuras publicadas em 1572 e 1598 por Georg Braun, as quais promoveram na Europa a imagem da capital portuguesa.

Revisitamos ainda duas pinturas que representam a Rua Nova dos Mercadores e o Chafariz D’el-rei em Lisboa, as quais sugerimos terem sido baseadas em desenhos traçados eventualmente entre 1580 e 1583 pelo holandês Jan Huygen van Linschoten.

Desta forma pretendemos valorizar a memória visual de uma cidade que foi tão esplendorosa no século XVI, uma época em que teve um papel central na história do mundo.

**Palavras-chave:** Lisboa, século XVI, Georg Braun, Jan Huygen van Linschoten, Rua Nova dos Mercadores, Chafariz D’el-rei

---

<sup>1</sup> Doutorou-se em História pela Universidade do Porto; foi membro da Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses e colaborador da Fundação Calouste Gulbenkian. Atualmente pertence à Academia Portuguesa da História, à Academia de Marinha, à Sociedade de Geografia de Lisboa e ao Centro de Investigação Professor Doutor Joaquim Veríssimo Serrão. É investigador no Gabinete de Estudos Olisiponenses da Câmara Municipal de Lisboa. Participou na organização de exposições e congressos; proferiu inúmeras conferências; publicou abundante bibliografia sobre História de Portugal e dos Descobrimentos.

## Abstract

In this study we address aspects related to the iconography of Lisbon in the 16th century, focusing on issues related to the genealogy and dissemination of engravings published in 1572 and 1598 by Georg Braun, which promoted the image of the Portuguese capital in Europe.

We also revisited two paintings that represent Rua Nova dos Mercadores and the Chafariz D'el-rei in Lisbon, which we suggest were based on drawings possibly drawn between 1580 and 1583 by the Dutchman Jan Huygen van Linschoten.

In this way we intend to enhance the visual memory of a city that was so splendid in the 16th century, a time when it played a central role in the history of the world.

**Keywords:** Lisbon, 16th century, Georg Braun, Jan Huygen van Linschoten, Rua Nova dos Mercadores, Chafariz D'el-rei

Uma das formas mais admiráveis de enaltecer a Lisboa do tempo dos Descobrimentos foi aquela que Francisco de Holanda expressou em 1571 na sua *Da fábrica que falece à cidade de Lisboa* ao declarar que «Lisboa tem a presunção da maior e mais nobre cidade do mundo»<sup>2</sup>. Em conformidade com tal registo o mesmo autor desenhou nessa obra de referência a «Figura de Lisboa» como sendo uma rainha dos mares<sup>3</sup>. Tal atitude está em conformidade com os

---

<sup>2</sup> HOLANDA, Francisco de, *Da fábrica que falece à cidade de Lisboa*, edição de José da Felicidade Alves. Lisboa: Livros Horizonte, 1985, p. 24.

<sup>3</sup> *Idem ibidem*, fol. 2 v.

eloquentes versos de Luís de Camões publicados no ano seguinte em que interpelou a cidade da seguinte forma: «E tu, nobre Lisboa, que no mundo / Facilmente das outras és princesa»<sup>4</sup>.

O terramoto de 1755 veio a destruir grande parte do que restava dessa cidade esplendorosa do tempo dos Descobrimentos levando à sua profunda transformação com a reconstrução ordenada pelo Marquês de Pombal. Verificamos ter então surgido uma parte nova da cidade, que corresponde à chamada Baixa Pombalina, além de se terem levado a cabo profundas modificações em zonas envolventes. Ainda assim ficaram partes da estrutura de Lisboa medieval em zonas de Alfama, da Mouraria e do Castelo de São Jorge, além da planificação quinhentista do Bairro Alto.

Para conhecermos a Lisboa do século XVI, além da literatura, da documentação e dos vestígios arqueológicos, podemos recorrer a uma rica iconografia que preserva a memória visual do seu espaço urbano e testemunha a admiração que havia pela cidade, quer em Portugal quer no estrangeiro. É por isso que, examinando imagens antigas que a retratam, em desenhos, iluminuras, pinturas e gravuras, podemos aproximar-nos de uma visão do que foi a Lisboa dos Descobrimentos.

Neste estudo pretendemos apenas focar determinados aspetos relacionados com representações de Lisboa, algumas delas pouco conhecidas, tecendo observações relacionadas quer com a forma como se divulgaram imagens gravadas da cidade quer com pinturas que apareceram nos últimos tempos.

Nos comentários sobre esta problemática retomamos algumas conclusões a que temos chegado para promover a sua divulgação e contribuir para esclarecer aspetos menos conhecidos da iconografia de Lisboa.

---

<sup>4</sup> *Os Lusíadas*. Lisboa: António Gonçalves, 1572, canto III, 57.

## 1. Genealogia e divulgação de duas gravuras de Lisboa do século XVI

As imagens que mais divulgaram a forma de uma cidade tão prestigiada como era Lisboa no século XVI encontram-se em duas gravuras publicadas por Georg Braun, as quais se encontram na famosa obra que coordenou e é geralmente denominada *Civitates orbis terrarum*, do título do seu primeiro volume publicado em Colónia em 1572, o ano da edição de *Os Lusíadas*. A primeira das referidas gravuras é intitulada *Lisbona* e surgiu no referido volume mostrando como era a cidade segundo um desenho que talvez tenha sido feito entre 1513 e 1517<sup>5</sup>, sendo assim uma das mais antigas imagens que temos de Lisboa (fig. 1). A segunda gravura é intitulada *Olissippo quae nunc Lisboa* e foi publicada no quinto volume daquela série de publicações com o título *Urbium praecipiarum mundi theatrum quintum*, tendo sido impresso em 1598 e não em 1593, como por vezes tem sido datado (fig. 4).

Para preparar a gravura editada em 1598, Georg Braun recorreu a uma representação da cidade que segue um modelo que terá sido traçado cerca de 1567, do qual há um desenho na Biblioteca Nacional de Viena (fig. 3), ao qual se lhe juntaram cento e quarenta legendas. No referido desenho há uma representação da costa da região de Lisboa situada entre Santos e Cascais que foi acrescentada na edição da gravura de Lisboa publicada em 1572<sup>6</sup>.

---

<sup>5</sup> SENOS, Nuno, *O Paço da Ribeira: 1501-1581*. Lisboa: Editorial Notícias, 2002, p. 65.

<sup>6</sup> Sobre esta imagem cf. GARCIA, José Manuel, «A representação dos conventos de Lisboa cerca de 1567 na primeira planta da cidade», *Revista de História da Arte*, n.º 11, Lisboa: 2014, p. 35-49 e GSCHWEND, Annemarie Jordan, *A cidade global: Lisboa no Renascimento = The global city: Lisbon in the Renaissance*. Lisboa: Museu Nacional de Arte Antiga: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2017, p. 34-37. Nesta última obra sugere-se que a autoria do desenho se poderá atribuir Joris Hoefnagel, matéria que ainda terá de ser aprofundada.

Braun decidiu publicar em 1598 uma segunda imagem de Lisboa pois sabia que ela interessava ao público-alvo da sua iniciativa editorial e verificou quanto ela evidenciava de forma bem mais completa que a anterior a grandiosidade desta urbe, pois recorreu a um plano cartográfico que permitia ao leitor entender melhor a sua urbanização do que a simples vista em perspectiva apresentada na gravura publicada em 1572.

Perante a panorâmica de Lisboa apresentada na gravura publicada em 1598 Augusto Vieira da Silva não hesitou em afirmar que ela “evidentemente deve ter sido desenhada tendo por base uma planta de Lisboa, hoje desconhecida”<sup>7</sup>. Também nós partilhamos com este conceituado olisipógrafo a verosimilhança desta possibilidade, tanto mais que a forma do urbanismo quinhentista de Lisboa nela revelada coincide no essencial com os principais traçados viários registados nas plantas que delinearão a cidade antes do terramoto de 1755<sup>8</sup>. Perante essa imagem verificamos que corresponde a uma esquematização, do essencial das linhas de força da estrutura urbana da cidade, já que perante as suas dimensões reduzidas não era possível apresentar toda a imensidade e densidade das praças, ruas e becos de Lisboa. Estamos, pois, perante uma planta simplificada onde se representam construções nela existentes.

A força das gravuras de Lisboa para divulgar a imagem de Lisboa foi tão grande que aquela que surgira na referida edição de 1572 foi retomada em 1619 numa outra gravura mais extensa e muito menos conhecida que então foi editada em Amesterdão por Jacobus

---

<sup>7</sup> SILVA, Augusto Vieira da, *Plantas topográficas de Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal, 1950, p. 15.

<sup>8</sup> Cf. nomeadamente SILVA, Augusto Vieira, *Plantas topográficas de Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal, 1950 e *Cartografia de Lisboa: séculos XVII a XX: catálogo de exposição*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1997.

Hondius (fig. 2). Nesta versão não sabemos se este editor adaptou um eventual original entretanto perdido que serviu de base à referida gravura de 1572 se recorreu apenas a esta, da qual há a considerar apresentar algumas diferenças. Esta gravura terá sido publicada em 1619 por ter sido neste ano que Filipe III de Espanha, II de Portugal, procedeu a uma famosa visita a Lisboa, havendo sobre tal acontecimento algumas representações de Lisboa. A última, que foi recentemente conhecida, é uma pintura que se conserva no Castelo de Weiburg, a qual poderá ter sido feita cerca de 1622 talvez por Pedro Teixeira ou por sua inspiração<sup>9</sup>.

Considerando a importância da gravura de 1598 e na sequência da observação tão sugestiva feita por Annemarie Jordan Gschwend e K. J. P. Lowe ao referirem que a Rua Nova dos Mercadores era como a “Quinta Avenida do seu tempo”, partimos desta evocação comparativa de duas artérias, uma da Lisboa antiga e outra da Nova Iorque atual, para divulgar um espeto pouco conhecido da iconografia. Referimo-nos à circunstância de em 1672 se ter recorrido à gravura com a imagem de Lisboa elaborada cerca de 1567 e gravada em 1598 para representar Nova Iorque ainda sob a denominação de Nova Amesterdão<sup>10</sup>.

Em 1624, os holandeses fundaram uma povoação na América do Norte a que deram o nome de Nova Amesterdão, tendo-a perdido em 1664 para os ingleses, que a rebatizaram como Nova Iorque. Poucos anos depois deste acontecimento, em 1672, não havendo uma

---

<sup>9</sup> Cf. GARCIA, José Manuel, «Sobre a possível autoria da vista de Lisboa do Castelo de Weiburg», in *Praça universal de todo o orbe. Uma vista de Lisboa em 1619*. coordenação de Pedro Flor. Lisboa: Museu de Lisboa, 2019, pp. 77-85 e o volume onde este artigo está contido.

<sup>10</sup> Sobre esta imagem cf. BENISOVICH, Michel, «Uma fraude cartográfica ou como uma vista de Lisboa se transformou numa vista de Nova Iorque». *Olisipo*, ano XVII, nº. 67, Lisboa: junho de 1954, pp. 109-112.

imagem da cidade em causa, e ainda com o nome holandês de Nova Amesterdão, o tipógrafo francês Gerard Jollain imprimiu em Paris uma gravura intitulada *Nowel Amsterdam en Lamerique: 1672* (fig. 5). A questão que tal realização coloca é a de que para fazer essa representação de Nova Amesterdão o referido editor limitou-se a usar a imagem de Lisboa revelada na gravura que Georg Braun publicou em 1598. Foi, pois, sob esta bem conhecida forma de mostrar Lisboa que se apresentou Nova Amesterdão. Esta cidade surge assim como um lugar imaginário, que por certo muito espantaria os que conheciam Lisboa e aquela sua imagem.

O editor da gravura de 1672 usou e falsificou então uma chapa publicada inicialmente em 1598 que entretanto havia sido usada pelo tipógrafo francês Jean Sauvé, para fazer uma cópia de *Lisbona*. Tirou-lhe nesse caso os nomes que identificavam locais de Lisboa substituindo-os por nomes que alegadamente se referiam à povoação americana, apresentando em rodapé um texto em francês e latim sobre a povoação ali evocada.

Por esta divertida e incrível fraude cartográfica, bem se vê a importância que assumia a imagem de Lisboa então adotada para encantar os curiosos que queriam saber como seria Nova Iorque, não se podendo então imaginar que esta se viria tornar um centro do mundo, como havia sido Lisboa mais de cem anos antes da fundação de Nova Amesterdão.

Não deixa de ser curiosa esta situação de se ter ido buscar a imagem da vetusta Lisboa para ilustrar essa cidade fundada em 1624. Tal recurso acaba por refletir o prestígio que Lisboa ainda tinha, o qual em grande parte lhe adivinha de ter sido no tempo de D. Manuel I a primeira “cidade global”, no sentido de que ela foi um centro de atividades a ter abarcado todo o planeta pela primeira vez na História. Basta referir exemplos muito simples como os de que em 1515 D. Manuel I estava a enviar de Lisboa embaixadores ao imperador da

China e ao Preste João da Etiópia, que lá chegaram, além de ser a partir daí que ele controlava feitorias no Brasil e posições ao longo no litoral atlântico de África, bem como de outras no Oceano Índico, desde Moçambique a Malaca, além de relações que iam até à China e às Molucas, o que nunca antes acontecera em qualquer outra civilização.

Para testemunhar a longa vida da imagem de Lisboa gravada em 1598 referimos por fim uma utilização de que foi alvo cerca de 1756 para divulgar a imagem da capital portuguesa antes e depois do terramoto de 1755 numa gravura então adaptada e atualizada em alguns pontos pelo gravador George Matthaus Seutter que a imprimiu em Augsburg com o título *Lisabona magnificentissima Regia Sedes Portugalliae et florentissimum Emporium ad ostia Tagi situm / aeri incisum per Matth: Seutter = Lisabon die prächtige Königl. Residenz = Statt in Portugall u. florisanteste Handels Plaz am Ausfluss des Tagi* (fig. 6).

## **2 Imagens da Rua Nova dos Mercadores e do Chafariz D'el-rei**

Das imagens reveladoras da intensidade da vida de uma Lisboa multicultural do século XVI, a qual foi destruída pelo terramoto de 1755, temos de realçar duas que foram descobertas nos últimos anos. Nelas de se mostram áreas de Lisboa que tinham maior movimento no século XVI: a grande Rua Nova dos Mercadores (fig.7), que foi criada no tempo de D. Dinis, e o velho Chafariz D'el-rei (fig.9), que foi remodelado em 1517.

Essas imagens permitem-nos visualizar zonas de Lisboa de grande importância que desapareceram. Admitimos que a origem de tais pinturas se encontre em debuxos feitos entre 1580 e 1583 por Jan Huygen van Linschoten. Esta hipótese, que avançamos com a necessária reserva mas temos por sólida, contribui para lhes dar maior consistência histórica e sentido interpretativo.

De seguida vamos explanar a justificação que nos leva a sustentar a proposta aqui defendida e se enquadra no âmbito das datações até agora apontadas.

O acima referido holandês, que é habitualmente mencionado apenas como Linschoten, notabilizou-se por em 1596 ter publicado em Amesterdão um livro sobre o Oriente com o título *Itinerario*. Nele apresentam-se inúmeras informações que o autor recolheu junto dos portugueses ou observou enquanto ali serviu como secretário do arcebispo de Goa<sup>11</sup>. Foi nesta cidade que ele viveu desde que aí chegou, em 2 de setembro de 1583, até que a deixou, em 28 de novembro de 1588, quando rumou a Cochim, de onde partiu para Portugal em 20 de janeiro de 1589. Depois de ter passado pelos Açores ele só chegou a Lisboa em 2 de janeiro de 1592, aí tendo ficado pouco tempo. Em 3 de setembro de 1592, Linschoten estava de novo na Holanda onde veio a preparar o seu já referido livro, que acabou de ser impresso em 1596 por Cornelius Claez.

Esta obra foi ilustrada com oito mapas, cinco desenhos topográficos e trinta gravuras, as quais tinham por base imagens desenhadas por Linschoten. Entre tais imagens a mais compósita retrata uma vasta e animada cena de Goa encimada por uma legenda escrita em português onde se lê: “*O leilão que se faz cada dia pola manhã na Rua Direita na cidade de Goa feito pelo natural por Ioan de Linschoten flamengo*”. Em baixo a gravura tem uma legenda em quatro línguas que em português significa: “Representação fiel da feira de Goa, com as suas lojas, mercadorias e comerciantes quotidianos. Por J. H. v Linschoten” (fig.8).

---

<sup>11</sup> *Itinerário, viagem ou navegação para as Índias Orientais ou Portuguesas*, edição de POS, Arie Pos e LOUREIRO, Rui Manuel. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 1997.

A imagem da principal rua de Goa aqui em causa, além de outras representações que Linschoten fez da Índia, revela-nos que ele gostava de captar retratos de cidades e das suas gentes. Foi essa realidade que, conjugada com um outro elemento decisivo mais à frente apontado, nos levou a conjecturar a possibilidade de ter sido ele o autor dos desenhos que serviram de base às duas pinturas a que acima nos referimos com representações de locais com grande animação de Lisboa como eram a Rua Nova dos Mercadores<sup>12</sup> e o Chafariz D'el-rei<sup>13</sup>. A primeira destas pinturas, um óleo sobre tela, está atualmente dividida em duas partes e encontra-se na Society Antiquaries, Kelmscott Manor, em Oxfordshire, tendo por medida um total de 65 por 181 cm, enquanto a segunda, um óleo sobre tábua, pertence à Fundação Berardo, em Lisboa, tendo 93 por 163 cm.

Considerando a semelhança do tipo das cenas retratadas quer em Goa quer em Lisboa pensamos ser viável a hipótese de as imagens da capital portuguesa aqui equacionadas tenham sido traçadas originalmente por Linschoten no período situado entre a altura em que ele chegou a Lisboa, em 20 de setembro de 1580, até a altura em que a deixou rumo a Goa, em 8 de abril de 1583. Depois de ter ficado em Goa até 1588 ele desenhou a referida cena da sua rua de maior destaque, o que pensamos ter feito à semelhança do que já teria

---

<sup>12</sup> Sobre esta pintura e o seu contexto cf. nomeadamente GSCHWEND, Annemarie Jordan e LOWE, K. J. P., *A cidade global: Lisboa no Renascimento = The global city: Lisbon in the Renaissance*. Lisboa: Museu Nacional de Arte Antiga: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2017, pp. 12-31, sem que aí se tivessem avançado as hipóteses de autoria e datação que aqui colocamos.

<sup>13</sup> Sobre esta pintura cf. nomeadamente SERRÃO, Vitor, «A imagem do mar e da capital do império no século XVI, um novo testemunho iconográfico da Lisboa das Descobertas», in *As rotas Oceânicas, sécs. XV-XVIII*. Lisboa: Colibri, 1999, pp. 171-187.

realizado para a rua mais importante de Lisboa e de outro dos sítios que nela era mais concorrido e pitoresco: o Chafariz D’el-rei.

Foi a análise da imagem do Chafariz D’el-rei que nos levou a detetar o outro elemento determinante para consolidar a hipótese que aqui formulamos. Com efeito na observação dessa eloquente pintura daquela que foi uma das zonas mais frequentadas de Lisboa a nossa atenção foi desperta por um pormenor onde se expressa um excecional exotismo: a representação de um negro com o hábito da Ordem de Santiago montando pomposamente a cavalo acompanhado por dois pajens e um cão (fig. 10). Pensamos que a figuração de uma tal personalidade, pelo seu carácter tão insólito, teria necessariamente de ser real, pois não é possível que tão estranho elemento tivesse sido inventado pelo autor da sua representação. Esse autor sentiu-se naturalmente atraído pela necessidade de registar uma tal figura nos panoramas que estava a traçar com aspetos de destaque em Lisboa.

Tendo examinando as informações existentes sobre negros que tiveram a honra de pertencer à Ordem de Santiago no século XVI, o único que se encontra no período em que as representações aqui consideradas foram feitas e se admite situar pelos meados da segunda metade desse século, é Pedro da Silva. Segundo Didier Lahon esta personalidade foi um “fidalgo da casa real, homem preto, embaixador do rei do Congo”, que recebeu o hábito dessa Ordem em 20 de Maio 1579 e foi preso em 1583, pois segundo este autor:

em 1583, quando o papa Gregório XIII autoriza o presidente da *Mesa da Consciência e Ordem* a entregar nas mãos da justiça secular, Dom Pedro da Silva, *negro*, Cavaleiro da Ordem de Santiago, assim como todos os outros cavaleiros e irmãos que conspiraram contra o Rei. O breve papal descreve Pedro da Silva como: “*filhus Petrus de Silva*

*exegenerethiopum seu ex provincia Guinea oriundis frater miles militia sanncti Jacobi de spata sub regula santi Agustini*<sup>14</sup>.

Admitindo não haver alternativa para identificar o negro com a ordem de Santiago se não como sendo Pedro da Silva, temos de admitir que é ele a figura do negro a cavalo representado na pintura do chafariz. Foi tal possibilidade que nos levou a confirmar a hipótese de ter sido Linschoten o autor dos desenhos que estão na base de pinturas que nos mostram tanto o Chafariz D’el-rei e a Rua Nova dos Mercadores, em Lisboa, como a Rua Direita, de Goa.

A solidez desta hipótese é reforçada pelo facto de as datas apontadas se ajustarem perfeitamente numa cronologia que coincide no intervalo entre 1580 e 1583. Com efeito, este corresponde quer ao tempo em que Linschoten esteve em Lisboa, antes de ter ido para a Índia, quer àquele durante o qual Pedro da Silva teve o hábito da Ordem de Santiago, pelo que a imagem deste homem teria sido tirada ao «natural» em Lisboa, tal como Linschoten tirou «*pelo natural*» as figuras do quotidiano de Goa, com todo o seu pitoresco e animação.

A reforçar o bom fundamento da interpretação e datação aqui exposta há a considerar não haver em Portugal, neste período, mais nenhum holandês a quem pudessem ser atribuídas estas obras de enorme valor documental.

Sublinhamos a noção de não poder ser mera coincidência a circunstância de ter sido nesses anos, em que Linschoten esteve em Lisboa, antes de ter ido para a Índia, o preciso tempo durante a qual Pedro da Silva teve o hábito da Ordem de Santiago. Por tal motivo este cavaleiro teria sido tirado ao “natural”, tal como Linschoten afirmou

---

<sup>14</sup> «Da redução da alteridade a consagração da diferença, as irmandades negras em Portugal (séculos XVI-XVIII)». *Projeto História*, 44, São Paulo: 2012, p. 79.

ter tirado ao “natural” as figuras do quotidiano de Goa, com todo o seu pitoresco e animação.

A “janela de oportunidade” aqui em causa corresponde a uma simultaneidade situada entre 1580 e 1583 que nos levou a pensar não poder ser a origem das representações posteriores a 1583, pois Pedro da Silva foi preso precisamente nesse ano, que é o mesmo em que Linschoten partiu para Goa.

O desenho original da Rua Nova dos Mercadores foi feito em conjunto com a representação do Chafariz D’el-rei, pois não se nos afigura credível que tais criações tenham sido feitas em circunstâncias diferentes, devido às grandes semelhanças temáticas subjacentes à genese de tão insólitas representações no panorama da iconografia de Lisboa.

Comparando o conteúdo das vistas da Rua Direita de Goa e da Rua Nova dos Mercadores de Lisboa revela-se haver uma idêntica preocupação em mostrar um fundo de edifícios tendo à sua frente um tipo semelhante de cenas pitorescas do quotidiano das gentes nelas representadas, sem esquecer o registo de animais, de entre os quais se destacam cavalos e cães. Para lá das diferenças formais que resultam da circunstância do desenho com a vista de Goa ter sido gravado e assinado por *Joannes à Doetechum*, enquanto os desenhos com as vistas de Lisboa serviram para a preparação das pinturas aqui em causa. Estas foram feitas por um ou dois pintores holandeses ainda não identificados, se é que não são do próprio Linschoten. Sendo essas pinturas dos finais do século XVI elas adaptaram debuxos do referido autor, que em 1592 regressara à Holanda cheio de curiosidades exóticas de Lisboa e de Goa. O ou os criadores dessas obras teriam tido acesso a tais desenhos, assim como o teve o gravador dos desenhos

para a edição do *Itinerario*. É de considerar que por esse tempo os holandeses começaram a ir para zonas que os portugueses tinham dominado no Oriente, tendo manifestado interesse por temas que se lhes referiam, como o revela a referida edição de 1596 e, alguns anos mais tarde, a tradução da *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto.

Para nós o essencial consiste em admitir a noção que apontámos de ter havido um autor dos esboços originais sobre Lisboa que foram trabalhados nas pinturas das obras aqui em causa, o que vai ao encontro do que escreveram Annemarie Jordan Gschwend e Kate Lowe, segundo as quais o autor das pinturas “trabalhou a partir de uma série de esboços”<sup>15</sup>.

A realçar a verosimilhança da possibilidade aqui avançada há também a considerar a realidade de que no período considerado, além de Linschoten, não se conhece em Portugal mais nenhum holandês, visto não poder ser português, a quem pudessem ser atribuídas estas obras, cujo maior interesse é o seu enorme valor documental.

Graças a uma iconografia como que aqui apresentámos bem podemos reavivar um pouco da memória visual do que foi uma Lisboa perdida, mas que nos continua a encantar.

---

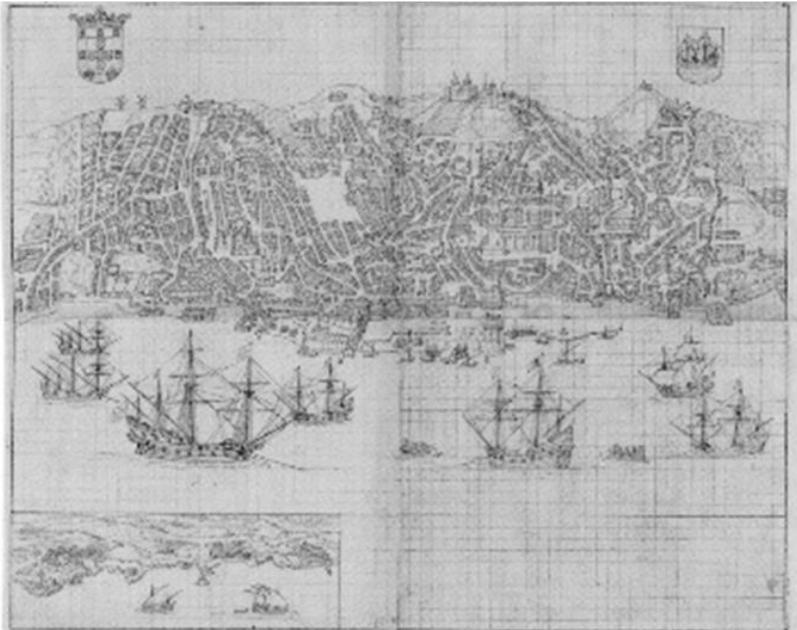
<sup>15</sup> Idem, ibidem, p. 20.



1 Lisboa com a região entre Santos e Cascais numa gravura publicada por Georg Braun em *Civitates orbis terrarum*, volume I, Colónia, 1572. A representação de Lisboa baseia-se num desenho cujo original talvez possa datar de entre cerca 1513 a 1517, sendo que o desenho da parte de baixo é posterior.



2 Lisboa *amplissima lusitaniæ civitas, totius indiæ orientalis et occidental: emporium celeberrimum* (A enorme cidade portuguesa de Lisboa, uma cidade mercantil muito famosa por todas as Índias oriental e ocidental), gravura de Jodocus Hondius, Amesterdão, 1619.



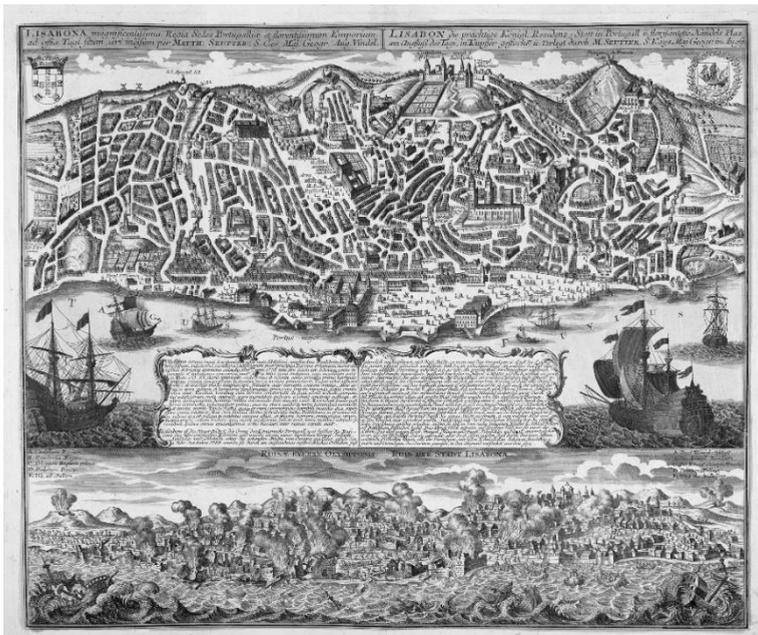
3 Desenho com uma vista de Lisboa atribuído a Joris Hoefnagel feito cerca de 1567, Viena, Österreichische Nationalbibliothek, Codex Miniatus 41, fls. 49v-50r.



4 Gravura de Lisboa feita a partir do desenho anterior que foi publicada por Georg Braun em *Urbium Præcipuarum Mundi Theatrum quintum*, s.l., 1598.



5 Gravura que pretende representar a atual cidade de Nova Iorque, então denominada Nova Amsterdão, contendo a indicação de se tratar de *Nowel Amsterdam* em *Lamerique*, editada em Paris por Gérard Jollain, 1672, mas na qual se copia e adapta a gravura de Lisboa impressa pela primeira vez em 1598



6 Gravura impressa em Augsburg cerca de 1756 onde se representa Lisboa antes e depois do terramoto de 1755 na qual o gravador George Matthaus Seutter copiou com retoques a gravura de Lisboa impressa pela primeira vez em 1598.



7 Representação da Rua Nova dos Mercadores em Lisboa numa pintura flamenga anónima cujo debuxo original poderá ser atribuído a Jan Huygen van Linschoten feito entre 1580 e 1583. Kelmscott Manor Collection, Society of Antiquaries of London, Londres.



8 Representação da Rua Direita de Goa, gravura segundo desenho de Jan Huygen van Linschoten, por ele concebido entre 1583 e 1588 enquanto esteve em Goa, a qual foi impressa no seu livro *Itinerario*, Amesterdão, 1596.



9 Representação do Chafariz D'el-rei numa pintura flamenga anónima cujo debuxo original poderá ser atribuído a Jan Huygen van Linschoten cerca de 1580-1583, quando ele esteve em Lisboa. Lisboa, Fundação Berardo.



10 Pormenor da pintura anterior com a representação de um cavaleiro negro com o hábito da Ordem de Santiago, o qual admitimos ser Pedro da Silva, embaixador do rei do Congo, que apenas o teve entre 1579 e 1583.

## Referências Bibliográficas

BENISOVICH, Michel, «Uma fraude cartográfica ou como uma vista de Lisboa se transformou numa vista de Nova Iorque». *Olisipo*, ano XVII, n.º 67, Lisboa: junho de 1954, pp. 109-112.

CAMÕES, Luís de, *Os Lusíadas*. Lisboa: António Gonçalves, 1572.

*Cartografia de Lisboa: séculos XVII a XX: catálogo de exposição*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1997.

*A cidade global: Lisboa no Renascimento = The global city: Lisbon in the Renaissance*. Lisboa: Museu Nacional de Arte Antiga: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2017.

GARCIA, José Manuel, «A representação dos conventos de Lisboa cerca de 1567 na primeira planta da cidade», *Revista de História da Arte*, n.º 11, Lisboa: 2014, pp. 35-49.

GARCIA, José Manuel, «Sobre a possível autoria da vista de Lisboa do Castelo de Weiburg», in *Praça universal de todo o orbe. Uma vista de Lisboa em 1619*. coordenação de Pedro Flor. Lisboa: Museu de Lisboa, 2019, pp. 77-85.

HOLANDA, Francisco de, *Da fábrica que falece à cidade de Lisboa*, edição de José da Felicidade Alves. Lisboa: Livros Horizonte, 1985.

LAHON, Didier, «Da redução da alteridade a consagração da diferença, as irmandades negras em Portugal (séculos XVI-XVIII)». *Projeto História*, 44, São Paulo: 2012, pp. 53-83.

LINSCHOTEN, Jan Huygen van, *Itinerário, viagem ou navegação para as Índias Orientais ou Portuguesas*, edição de POS, Arie Pos e LOUREIRO, Rui Manuel. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1997.

SENOS, Nuno, *O Paço da Ribeira: 1501-1581*. Lisboa: Editorial Notícias, 2002.

SERRÃO, Vitor, «A imagem do mar e da capital do império no século XVI, um novo testemunho iconográfico da Lisboa das Descobertas», in *As rotas Oceânicas, sécs. XV-XVIII*. Lisboa: Colibri, 1999, pp. 171-187.

SILVA, Augusto Vieira da, *Plantas topográficas de Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal, 1950.